



J. Chrys Chrystello

*** HOMENAGEM CONTRA
O ESQUECIMENTO:
ÁLAMO OLIVEIRA**

PRETENDE-SE COM ESTA COMUNICAÇÃO
PRESTAR UMA NOTA EXPLICATIVA SOBRE
A AÇORIANIDADE COMO UMA DAS
BANDEIRAS DOS COLÓQUIOS DA
LUSOFONIA.

NESTE PAINEL DA HOMENAGEM CONTRA
O ESQUECIMENTO E AÇORIANIDADES
VISAMOS DISSEMINAR E RESGATAR
AUTORES CONTEMPORÂNEOS QUE
MERECEM SER LIDOS, ESTUDADOS E
TRADUZIDOS PARA QUE SE LIBERTEM
DAS LEIS DO ESQUECIMENTO.

DEIXEM-ME DAR-VOS A CONHECER
PRIMEIRO UM POUCO DO ARQUIPÉLAGO
TAL COMO O DESCREVI NO
*LIVRO SEGUNDO DE CRÔNICAÇORES:
UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO.*

* Comunicação proferida nos Colóquios da Lusofonia.

[1]

página

Para **Natália Correia** a ilha é Mãe-Ilha, para **Cristóvão de Aguiar** Marilha, para **Daniel de Sá** Ilha-Mãe, para **Vasco Pereira da Costa** Ilha Menina, mas para mim nem mãe, nem madrasta, nem Marilha nem Menina, mas antes uma Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar e ver engrandecer nas dores da eterna adolescência que são sempre partos difíceis. Sempre fui ilhéu, perdi o sotaque sem malbaratar as Ilhas-Filhas que trago a reboque, corrente multifacetada de vivências, mundos e culturas distantes que constituem já a essência do meu ser.

Ao longo destes nove anos falei e escutei a maior parte dos autores (e, entretanto, três já nos deixaram **Fernando Aires**, **Daniel de Sá**, **José Dias de Melo**). Com eles aprendi e compreendi a canga que os cachacos insulares carregam, muitas vezes, sem o saberem. O dilema da pequenez das ilhas para um autor se afirmar sem ser reconhecido fora delas, a atração pelo mercado continental mais vasto como forma de afirmação e alforria literária criando um misto de desligamento e aportuguesamento dos autores que se mudaram de armas e bagagens para fora das ilhas, a inveja e ciúme dos que não conseguiram atingir esse patamar de reconhecimento continental, a emancipação de outros que venceram nos E.U.A. e Canadá e a tarefa ingente dos que permanecendo conseguiram alcandorar-se a um reconhecimento externo.

O que muitos deles não acreditavam era que por serem autores açorianos podiam aspirar a serem universais e não apenas insulares, e não apenas portugueses, se entrassem em mercados mais vastos da Europa e do mundo. Esses escritores poderiam chegar bem mais longe e libertar-se da prisão invisível que é a pequenez das 9 ilhas do arquipélago.

Para isso, teríamos de mondar mercados novos e virgens, como a selva amazónica antes dos novos bandeirantes. Se não chegassem às novas gerações açorianas, poderiam alcançar descendentes, e expatriados que aprendem o orgulho da nação açoriana, na cultura, tradição e outros valores primordiais que tão arredados das escolas andam hoje. Mas os colóquios queriam levá-los a mercados e leitores insuspeitos, incluindo a antiga Cortina de Ferro onde há enorme gosto e apetência por escritores lusófonos. Para isso, idealizamos a atual série de Antologias, uma bilingue para captação do

mercado norte-americano e canadiano, outra maior, em dois volumes, com uma seleção dos mais consagrados e uma próxima antologia no feminino dado que as autoras são sistematicamente esquecidas numa comunidade conservadora e machista como ainda é a sociedade açoriana. Todas estas obras são didáticas para poderem ser estudadas nas escolas e assim se conseguir propagar este vírus altamente contagioso da escrita açoriana para leitores neófitos.

Depois, deparámos com um fenómeno típico das sociedades insulares e bairristas, a existência de “capelinhas”, cliques e claques, em torno das quais gravitavam alguns autores. Nem todos de qualidade despicienda mas dependendo dessas cliques para serem objeto de artigos de jornal ou de visibilidade através da recensão crítica.

Na década de 1990, lentamente, os escritores açorianos foram encontrando o seu espaço, não havendo minguia de quantidade. Na maioria, sem projeção para além destas ilhas, com exceções contemporâneas. Falta ainda destrinçar, entre as centenas de autores, aqueles que realmente merecem ser incluídos em coletâneas e os outros que se serviram do rótulo da açorianidade para terem alguma visibilidade que, de outro modo, não teriam.

A solução que adotámos foi a de ignorar quem era quem, e sermos nós e os autores dos nossos projetos, a avaliar a qualidade de tais autores, com a ajuda dos autores que já conhecíamos e em quem já confiávamos. Daí as escolhas primeiras das antologias que posteriormente serão alargadas a mais autores e autoras à medida que os formos descobrindo, sob o enorme guarda-chuva da Açorianidade que a todos alberga. Nem sempre é fácil, pois ao lado de autores como Fernando Aires, Cristóvão de Aguiar e Eduíno de Jesus surgem autores que podemos designar como a Maria da Capela, o António da Lomba e o José de Rabo de Peixe. Importantes até poderão ser de um ponto de vista de cultura popular, regional ou local mas não deveriam nunca estar sob um rótulo de literatura.

Onésimo Teotónio Almeida escreveu e coordenou os livros *A Questão da Literatura Açoriana* (1983), *Da Literatura Açoriana – Subsídios para Um Balanço* (1986) e *Açores, Açorianos*,

Açorianidade (1989). Antes dele, **Eduíno Borges Garcia** escrevera artigos sobre literatura açoriana no semanário *A Ilha* e reunidos em opúsculo, mas ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão separada do contexto nacional. Aconselhava os escritores açorianos a incluírem nos seus escritos a vida concreta do povo, pretendendo uma literatura açoriana virada para o neorealismo, como reflexo da sociedade real.

O polémico debate académico em torno da expressão «literatura açoriana» criou entre os autores que se reuniam nos anos 80, amizades, inimizades, afinidades intelectuais e intertextualidades. Em *Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana*, **J. Almeida Pavão** (1988) afirmava:

...sobre a existência de uma Literatura Açoriana... assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Portuguesa Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por Gaspar Simões e Cristóvão Aguiar. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, tais sejam os de Pedro da Silveira, Ruy Galvão de Carvalho, Eduíno de Jesus, Carlos Faria, Ruy Guilherme de Morais, João de Melo e outros mais, quase todos estes compendiados e mais ou menos discutidos na obra A Questão da Literatura Açoriana, de Onésimo Teotónio Almeida, que passou a tornar-se órgão indispensável de consulta para quem de novo se proponha abordar o problema. Literatura Açoriana sê-lo-ia, na sua vertente política, sem qualquer contradita, se porventura os Açores se tornassem num território ou numa nação independente. E, aí, haveria que inscrevê-la dentro de novas premissas.

Pedro da Silveira (1922-2003) foi perentório:

«Já deixei notado que o separatismo não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre o que deveria ser a literatura açoriana.» (Silveira, 1977: 11). *O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como ser moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos*

séculos, foi assimilando, pois viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina.

Falava-se em artesanato, folclore e cultura açoriana mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema tinha contornos políticos pois em 1975, Vitorino Nemésio deixara-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), movimento independentista, como candidato a Presidente da futura República. Contra a vontade da maioria, os separatistas insistiam em usar a literatura como sinal de identidade nacional.

Machado Pires diz haver *Autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo directo e indirecto* (p. 57)¹ e sugeria **literatura de significação açoriana** para acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana.

No 11.º Colóquio da Lusofonia ou 4.º Encontro Açoriano (na Lagoa, abril/2009), **Cristóvão de Aguiar** rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que ela faz parte da produção literária lusófona. O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é [uma literatura] separada da literatura portuguesa, afirmou à agência Lusa o escritor.

É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa contrapõe **Eduardo Bettencourt Pinto**, angolano, escritor açoriano por escolha própria.

Há vários autores, os residentes no arquipélago, os emigrados, os descendentes e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores. Falta destringir quais incluir na designação açórica. A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados como a solidão, o mar, a emigração.

¹ In A. M. B. Machado Pires, *Raul Brandão e Vitorino Nemésio*, ensaios, Lisboa, coleção “Temas Portugueses”, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

Com respeito a esta definição de Açorianidade que tivemos de reformular aquando da criação no âmbito do Prémio Literário AICL Açorianidade, dedicado a Judite Jorge e ao Conto/Narrativa, acolhemos como uma das premissas o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*.

Como diz **J. Almeida Pavão** (1988)... *assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Continental*.

Assim, para nós, é literatura de significação açoriana, a escrita que se diferencia da de outros autores de língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares, sendo necessário apreender a noção das suas mundividências e mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem.

A AICL entende que o rótulo comum de **Açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados» (adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino) e de todos aqueles (que não sendo açorianos por nascença ou hereditariedade) consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

Quando tive o privilégio de traduzir vários autores açorianos acabei por aprender idiossincrasias insulares. Deparei com noções etimologicamente ancestrais, contrastando com o uso que se lhes apõe hodiernamente. No *Dicionário Morais* vêm

quase todos os termos “chamados” açorianos. A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxe corruptelas aporuguesadas e anglicismos. Tratei de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfraldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Nesta geografia idílica não busquei a essência do ser açoriano. Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra. Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua especificidade ou açorianidade. Antes quis apreender as suas mundividências e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizavam face aos antepassados e locais de origem. Deduzi características relevantes para a açorianidade:

1. *O geomorfismo e o clima inculcam um caráter de letargo e de detença;*
2. *O desconhecimento generalizado dos Açores e de Portugal é mútuo e quase igual ao de há muitos séculos;*
3. *O meio social reflete uma estratificação por classes, ainda vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;*
4. *Fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo, persiste uma arreigada adjacência das gentes à terra e ao mar, perpetuada em crenças e medos ancestrais exorcizados por celebrações mistas de religiosidade e paganismo;*
5. *Permanecem ainda quase como tabus problemas endémicos como a pedofilia, violência doméstica, machismo, entre outros.*

Nestes colóquios já homenageamos entre tantos outros escritores açorianos Fernando Aires, Emanuel Félix, Eduíno de Jesus, Onésimo Almeida, Dias de Melo, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Vasco Pereira da Costa, Eduardo Bettencourt Pinto, Valadão Serpa, Urbano Bettencourt. Hoje vamos falar de **ÁLAMO OLIVEIRA**, um artesão de palavras, poeta telúrico, eclética voz que se ergue do Raminho na ilha

Terceira gritando a sua idiossincrasia açoriana, como narrador das suas andanças por terras da Europa, Brasil e da América do Norte.

Victor Rui Dorés, escreveu que *Álamo faz das suas itinerâncias e peregrinações uma geografia de lugares, memórias e coisas, atravessadas por olhares, impressões, alusões, afectos e imagens, procurando na viagem não o destino mas a sua própria natureza.*

Álamo é um autor prolífico que merece ser homenageado, lido, estudado e divulgado por esse mundo fora, não pode ficar contido na pequenez das nove ilhas e do jardim à beira-mar plantado. Tem de ser rojado a esses mares alterosos nas caravelas da sua escrita de velas enfunadas pela poesia, teatro, contos e romance.

Há que salientar a sua incursão purgatória na guerra colonial no livro *Até hoje (memórias de cão)*, uma constante alternância entre a dura realidade da guerra em 1967 e a saudade da ilha de origem do personagem João. Nessa visão, a ilha assume contornos de paraíso perdido como um utópico lugar de referência. Ali, a memória serve como válvula de escape ou mecanismo de defesa contra a traumática selvajaria da guerra que nunca mais surgia, num suspense que se alarga a seis capítulos que percorrem o concubinato entre a Igreja e o Estado Novo onde, citamos, *o silêncio é a força da virtude e a ignorância o progresso dos povos.*

O autor considera este livro como catarse sobre a guerra colonial, embora se sinta imensamente orgulhoso do livro *Já não gosto de chocolates*, um dos seus títulos de maior apreço por parte dos leitores.

Álamo escreve desde tenra idade, tendo sido publicado aos 14 ou 15 anos. Foi marcado pelos livros de contos infantis que a avó tinha, e influenciado bem cedo por obras clássicas como *As Pupilas do Senhor Reitor* e *A Cidade e as Serras*. Embora prefira a ficção, o teatro serve para se divertir e a poesia representa uma espécie de libertação pessoal, a acreditar nas entrevistas que deu. Alguns dos seus livros foram já traduzidos para inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês. No 19.º colóquio na Maia em março de 2013, dois poemas seus foram

traduzidos para nove línguas, “Lua de Ganga” e “Eu fui ao Pico e piquei-me”. Vamberto Freitas explica assim o autor:

Se a Natureza é uma realidade inescapável para a maioria dos escritores açorianos, dada a sua instabilidade e constantes manifestações de certos humores e cor, dada a nossa obsessão com o cerco do mar e as suas antigas ameaças de nos fechar do mundo, a poesia de Álamo Oliveira nunca acontece sem a presença do elemento humano centrado viva mas solitariamente, ou em estado apático e incerto no seu olhar fixado no longe e no inefável para além da junção do céu e mar, tentando adivinhar o que poderia ter sido um outro destino. Quase toda a poesia açoriana parece um choro sem lágrimas, nunca acusatório, das saudades do futuro que nunca chega, as saudades das terras distantes para as quais inventamos as nossas próprias fantasias, e de onde depois lamentamos até à morte a nossa partida do torrão natal. É o perpétuo ciclo existencial, a condenação dos naufragos e a libertação dos ilhéus navegantes.

Para falar de Álamo, escritor que tardiamente conheci pessoalmente deparou-se-me um problema. Para escrever sobre outros autores fui conhecer e visitar as suas ilhas, não só as autênticas mas as imaginadas que acartam ao pescoço como colar de negro basalto, lava encordoada há muito solidificada. Como ainda não conheço a ilha Terceira nem o Raminho não posso psicanalisar os locais que lhe são queridos onde foi buscar o magma vivo da musa inspiradora para os seus inúmeros livros e peças teatrais.

Quando escrevo sobre os autores açorianos gosto de conhecer os caminhos trilhados, ver as casas que formaram a sua história de vida infantojuvenil e as suas ruínas, olhar nos olhos os seus habitantes, fotografar as cores e memorizar os cheiros, para depois poder dissecar as palavras que os descrevem. Não tendo isso, a mera leitura dos seus escritos indica-me que não o conheço como queria para dele falar numa sessão onde o queremos homenagear.

Sendo um escritor prolífico e um autor eclético que se espria por Teatro, Romance, Conto, Poesia, Álamo não se confina aos estreitos limites de cada género, antes dando razão aos apoiantes da teoria Gestalt ou psicologia da forma, que propugna

que não se pode ter conhecimento do todo por meio das suas partes, pois o todo é maior que a soma das suas partes.

Segundo o critério da transponibilidade, independentemente dos elementos que compõem determinado objeto, a forma é que sobressai: as letras *r*, *o*, *s*, *a* não constituem apenas uma palavra em nossas mentes: (...) *evocam a imagem da flor, seu cheiro e simbolismo – propriedades não exatamente relacionadas às letras.*

Em *Já não gosto de chocolates*, Álamo fala da forma como os descendentes de açorianos, que bem conhece dado ter familiares emigrados na América do Norte e lá ter lecionado, são atraídos pelos festivais religiosos, passando horas nos seus carros (alegóricos ou não) com a mesma intensidade de sacrifício com que fariam uma procissão a pé, de forma a exaurir a “saudade”. Esse sentido de pertença das comunidades da diáspora perpetua-se em vídeos partilhados por familiares e amigos separados pela geografia. Por outro lado, as comunidades envolvem as crianças e os jovens, desde tenra idade, para não perderem o seu sentido identitário apesar de integrados nos locais onde vivem.

A assustadora incerteza da vida nas ilhas sempre sob esconsas ameaças indefinidas não se deixa subverter pelos valores históricos, culturais e ideológicos da ilha onde Álamo nasceu, mas simultaneamente transmite uma universalidade que em muito transcende estas narrativas da diáspora californiana. A sua diegese intimista desce ao complexo mundo dos personagens, que, como escreveu Assis Brasil *deixam de ser emigrantes para se converterem em seres humanos.*

Como Vamberto Freitas diz:

Os Açores não são um espaço cultural anacrónico nem Álamo Oliveira é um elitista cultural fechado numa torre de marfim, muito menos um masoquista que trabalhe para castigo próprio ou por contemplação narcisista. Acontece que ele, e todos nós com ele no arquipélago, estamos perfeitamente conscientes do que nos leva a fazer suplementos culturais: a força da tradição literária açoriana.

A nostalgia do ser ilhéu atinge na sua lírica uma força centrípeta capaz de ultrapassar os espasmos telúricos que perpassam pela sua vasta obra, pejada de títulos curiosos como podem ler na

autobiografia que selecionamos e publicamos na ata deste colóquio.

Vamberto considera o seu mais recente livro *Murmúrios com vinho de missa* como o romance do ano, pela sua beleza formal, pela audácia da sua temática, o sexo como moeda de troca na sociedade dos nossos tempos. Antes do sucesso deste seu outro romance, era já reconhecido no arquipélago como uma das mais vivas e criativas vozes da literatura açoriana, sobretudo na sua poesia e teatro. Desde sempre hiperconsciente da sua realidade de homem ilhéu, a sua temática centra-se na procura do amor e entendimento num mundo já sem fronteiras e em constante turbulência e transformação.

António de Assis Brasil escreve na contracapa: *Tenho para mim que este livro é a suma de todas as preocupações de Álamo Oliveira, e, sua obra-prima, sem desmerecer sua obra anterior, reconhecida como das mais importantes da língua comum a toda lusitanidade. Uma história comovente de desejo e irrealização, que nos agarra por sua densidade humana. Ao mesmo tempo, Murmúrios com vinho de missa mostra-nos o infeliz poder da repressão moral, ainda em nossa sociedade contemporânea. Uma leitura inesquecível.*

Antes de terminar a abordagem à obra deste vate terceirense, cito-o, de novo em *lua de ganga*:

*quando te via
na ganga azul do teu fato
embandeirava-me de ternura
e propunha despir-te como
se lua fosses ou nada*

*tocava
com a ponta dos dedos
o poema do teu corpo*

era azul mas eu morria de medo.

HOMENAGEM CONTRA
O ESQUECIMENTO:
ÁLAMO OLIVEIRA



Álamo Oliveira
A Treceira de Jasus

Como saborear o perfume da sua poesia e o sabor dos seus chocolates? Quando fiz o 5.º Caderno de Estudos Açorianos, que a ele era dedicado, e quando traduzi excertos de algumas das suas obras algo ficou gravado para sempre na retina como a imagem mental que dele guardo. Trata-se da sua interpretação soberba, diria magistral, de *Treceira de Jesus* gravada sobre as ruínas do terrível terramoto que destruiu grande parte da cidade património da humanidade Angra do Heroísmo.

Pela musicalidade da peça que se entranha no ouvido e rapidamente nos damos conta de a cantarolar mesmo em sonhos, pela acerada crítica que as suas palavras encerram. Entendo que todos a deveriam ouvir e ver para, dessa forma melhor interpretarem o autor. Aqui vos deixo a ligação para essa sua representação:

https://www.youtube.com/watch?v=_c8fCNBi81c

Creio que assim teremos escolhido uma das melhores formas de o homenagearmos. 🙏



Álamo Oliveira
A *Treceira de Jesus*